

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE VEROSSIMILHANÇA NO POEMA *TEOGONIA* DE HESÍODO

Maria Graciele de LIMA¹
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
gracieledelima@rocketmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de verossimilhança a partir da obra *Teogonia*, escrita por Hesíodo, em torno do século VIII a. C. O poema épico trata do mito da criação dos deuses e, apesar de seu valor quase exclusivamente religioso para os gregos da época de sua escrita, coloca em evidência o papel do poeta, aquele que inventa verdades com seus recursos de criação literária. Por essa razão, salta aos olhos o fato de os estudos literários ainda não terem se voltado mais profundamente para a leitura do referido poema e nem para as discussões sobre o importante conceito de verossimilhança nele presente. Para tanto, o apoio teórico será buscado em Aristóteles (s/d), bem nos apontamentos de Auerbach (2009) e de Compagnon (2003) a fim de trazer à tona uma reflexão a respeito dessa importante obra literária que atravessou tantos séculos e continua aberta a múltiplos olhares.

PALAVRAS-CHAVE: Verossimilhança. Hesíodo. Teogonia. Épica.

ALGUNOS APUNTES RESPECTO AL CONCEPTO DE VEROSIMILITUD EN EL POEMA *TEOGONIA* DE HESÍODO

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir el concepto de verosimilitud a partir de la obra *Teogonia*, escrita por Hesíodo, al rededor del siglo VIII a.C.. El poema épico refiere al mito de la creación de los dioses y, a pesar de su valor casi exclusivamente religioso para los griegos de la época de su escrita, pone en evidencia el rol de poeta, aquel que inventa verdades con sus recursos de creación literaria. Por eso, salta a la vista el hecho de que los estudios literarios no hayan todavía realizado profundamente la lectura del mencionado poema ni debatido respecto al importante concepto de verosimilitud presente en él. Para eso, el apoyo teórico será buscado en Aristóteles (s/d), en los estudios de Auerbach (2009) y de Compagnon (2003) con la intención de traer a la luz una reflexión respecto a esa importante obra literaria que ha atravesado tantos siglos y sigue abierta a múltiples miradas.

PALABRAS CLAVE: Verosimilitud. Hesíodo. Teogonía. Épica.

1 INTRODUÇÃO

Os textos literários escritos durante o chamado Período Arcaico da Literatura grega ainda não são estudados como é merecido. Nesse contexto, situa-se a poesia épica de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, com pesquisa sobre as obras *Exclamaciones e Vejamen*, de Teresa d'Ávila. Financiamento do CNPq.

Hesíodo, cuja produção se imortalizou especialmente com as obras *Teogonia* (ΘΕΟΓΟΝΙΑ) e *Os trabalhos e os dias* (ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΠΑΙ). A primeira trata do mito da criação dos deuses. Já a segunda, por meio de uma narrativa sobre o mito da criação das raças, discorre sobre a justiça e o trabalho, configurando o texto como um poema didático em que o autor repreende seu irmão Perses por meio da metáfora do ‘homem injusto’.

Contudo, é na obra *Teogonia*, uma das mais antigas da humanidade, em que aparece, pela primeira vez, a ideia de verossimilhança de maneira explícita, legando a toda a história das letras uma base fundamental de trabalho com a criação literária. Neste sentido, a discussão sobre este assunto é necessária e urgente, já que não existe fantasia literária sem o uso da verossimilhança.

Tendo como apoio teórico a visão aristotélica da imitação presente na *Arte poética* (s/d), bem como os apontamentos oferecidos por Erich Auerbach em *Mimesis* (2009) e os pareceres de Antoine Compagnon em *O demônio da teoria* (2003), este artigo discute a ideia de verossimilhança apresentada na *Teogonia*, mostrando-a como conceito fundador no que concerne à concretude dos fatos literários. A verossimilhança, como se verá adiante, é o elemento que estabelece o pacto subjetivo primordial com o leitor a fim de tornar toda obra plausível no universo do devir artístico próprio da Literatura.

2 DE HESÍODO: SUA LETRA E SEU TEMPO

No chamado Período Arcaico da civilização grega (séc. VIII a séc. V a. C.) eram comuns os concursos de peças poéticas. Os autores geralmente empreendiam longas viagens a fim de participar desses eventos e tinham a obrigação de levar quatro obras. Estas, necessariamente, deveriam ser um conjunto formado por uma trilogia trágica e uma sátira. A época, portanto, já era de efervescência literária, mas não era comum existir, nessas obras, o tratamento direcionado ao papel da poesia ou mesmo do poeta.

Hesíodo, de cuja vida se tem notícia apenas por meio da obra deixada por ele, participou de tais concursos, mas seu nome chegou aos dias atuais especialmente em razão de sua épica intitulada *Teogonia*. Além desse poema, é possível atribuir a Hesíodo também a autoria de *Os trabalhos e os dias* (epopeia que trata do “[...] mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações, seus deveres, revelando-nos, assim, em que se fundamenta a própria condição humana.”²), *Catálogo das Mulheres* (uma espécie de documentação dos nomes das mulheres célebres que tiveram filhos célebres em comunhão com divindades) e *O escudo de Hércules* (epopeia cujo herói é Hércules).

Contudo, mesmo sendo atribuída a autoria de Hesíodo às obras acima relacionadas, ainda há questionamentos sobre a veracidade desta informação e somente a épica destacada neste artigo é que realmente é considerada como sendo escrita por Hesíodo. Além disso, dentre os poemas citados, é justamente o que trata da origem dos deuses que mais chamou a atenção dos estudiosos de Filosofia, História e Literatura devido à genialidade com a qual a *Teogonia* foi elaborada.

O referido poema é proveniente da tradição oral grega e composto por 1022 versos hexâmetros dactílicos. Pode-se afirmar que se trata de uma obra didática essencialmente sobre os deuses, embora os mortais não sejam assunto totalmente excluído. No que concerne aos mitos, não é uma obra puramente original devido ao fato de que os mesmos já eram conhecidos e tratados na oralidade. O que realmente se constitui como genial é a forma didaticamente sequenciada em que Hesíodo expôs os fatos ao construir seu poema cosmogônico e teogônico.

É importante salientar que a *Teogonia*, para os gregos de seu tempo, apresentava um caráter religioso e não literário. Porém, torna-se crucial a compreensão de que tal

²LAFER, Mary de Camargo Neves. **Introdução**. In: HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/04/Os-trabalhos-e-os-dias-Hes%C3%ADodo.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

caráter possuía suas configurações específicas dentro de uma liberdade que o diferencia significativamente do sentido de religião que se tem na atualidade, especialmente no que concerne às grandes religiões monoteístas.

Outro fator importante de ser mencionado é o fato de que, na época de Hesíodo, os mitos, já conhecidos e divulgados enquanto uma massa de saberes, não eram histórias registradas por escrito, mas pertenciam ao universo da oralidade. Por essa razão, é pertinente questionar:

Como se conserva e se transmite, na Grécia, essa massa de “saberes” tradicionais, veiculados por certas narrativas, sobre a sociedade do além, as famílias dos deuses, a genealogia de cada um, suas aventuras, seus conflitos ou acordos, seus poderes respectivos, seu domínio e seu modo de ação, suas prerrogativas, as honras que lhe são devidas? (VERNANT, 2009, p. 15)

O questionamento acima leva em conta o fato de que um conjunto de saberes, sendo de quaisquer naturezas, é carregado de determinados elementos que não se juntam aleatoriamente, mas dentro de um sistema racional, apreensível pela inteligência. Isto quer dizer que, sendo um sistema plausível (ao menos no universo da fantasia) também deveria ser divulgado, considerando informações que pudessem manter-se, socialmente vivas e, de certa forma, sob a guarda e responsabilidade de transmissão de grupos sociais específicos.

Nesse sentido, o mesmo autor prossegue, respondendo à própria questão acima exposta:

No que concerne à linguagem, essencialmente de duas maneiras. Primeiro, mediante uma tradição puramente oral exercida boca a boca, em cada lar, sobretudo através das mulheres: contos de amas-de-leite, fábulas de velhas avós, para falar como Platão, e cujo conteúdo as crianças aprendem desde o berço. [...] esses *mythoí*, [...] escutados ao mesmo tempo que se aprendia a falar, contribuem para moldar o quadro mental em que os gregos são muito naturalmente levados a imaginar o divino [...]. Em seguida, é pela voz dos poetas que o mundo dos deuses, em sua distância e sua estranheza, é apresentado aos humanos, em narrativas que põem em cena as potências do além revestindo-as de uma forma familiar, acessível à inteligência. (VERNANT, 2009, p. 15)

Assim, os registros pertenciam à oralidade, mas não estavam completamente soltos. Eram livres, mas não eram aleatórios. Por essa razão, a *Teogonia* constitui-se como uma obra que se inscreve no mundo oferecendo novidades no que se refere ao tipo de registro, e os assuntos originais que ela aborda, referem-se ao campo literário, quando introduz conceitos como ‘inspiração’, a diferença entre ‘invocação’ e ‘evocação’, ‘hino’ e, como interessa a este artigo, a ‘verossimilhança’.

3 DO POEMA E SUA FORÇA LITERÁRIA

A *Teogonia* é iniciada com o Proêmio em que o autor profere o ‘hino às musas’. No trecho, Hesíodo faz a invocação daquelas que são as divindades capazes de prepará-lo e sustentá-lo em sua missão de proferir o canto. Ele escreve o primeiro verso: “Pelas Musas heliconíades comecemos a cantar.”³ (HESÍODO, 2012, p. 103), destacando que invoca as musas do Hélicon e que não cantará sozinho (observe-se o verbo no plural).

Ora, o poeta ‘invoca’, isto é, chama o que está dentro (in= dentro/ voca= chama). Portanto, tal verbo pressupõe a existência da capacidade de hinear intrínseca à alma do poeta, aquele que tem a potência de cantar e precisa apenas trazer à tona sua criatividade e habilidade. Assim, o monte Hélicon, apesar de existente na concretude geográfica, torna-se aí, um espaço simbólico no interior do poeta. Vale ressaltar que, compositor habilidoso que era Hesíodo, resguardou-se de perecer em sua missão poética ao invocar as filhas de Zeus tanto no início e fim do Proêmio quanto no fechamento de toda a composição.

Ao cantar: “Dizei-me isto, Musas que tendes o palácio olímpio/ dêis o começo e quem dentre eles primeiro nasceu.”⁴ (HESÍODO, 2012, p. 109), o poeta invoca o conhecimento que vem das divindades para que sua composição não seja somente fruto do

³ “Μουσάων Ἑλικωνιάδων ἀρχώμεθ’ αἰεΐδειν,” (HESÍODO, 2012, p. 102)

⁴ “Ταῦτά μοι ἔσπετε Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ’ ἔχουσαι/ ἐξ ἀρχῆς, καὶ εἶπαθ’ ὅτι πρῶτον ὕενετ’ αὐτῶν.” (HESÍODO, 2012, p. 108)

que ele sabe enquanto um mortal, mas que seja um conhecimento proveniente de seres divinos que o acompanham do início ao fim de sua missão. A necessidade de pedir às Musas que o instrua diz respeito, provavelmente, ao fato de que o poeta falará do surgimento dos deuses, (quem dentre eles primeiro nasceu) e estas informações não poderiam ser de completo domínio de um mortal.

Outro ponto que merece ser destacado diz respeito ao verso 22 da *Teogonia* em que Hesíodo trata a si mesmo na 3ª pessoa e “Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto”⁵ (HESÍODO, 2012, p. 103). Este trecho sugere um distanciamento entre o discurso e o autor do discurso, como se fosse uma justificativa implícita de que, seguramente, Hesíodo (o poeta que ousa narrar a origem dos deuses) aprendeu o “belo canto” diretamente daquelas que o produzem com maestria. Nesse sentido, além da proteção das Musas, Hesíodo também deixa claro que domina seu ofício porque aprendeu com aquelas que o inventaram.

O verso agora citado ainda traz mais um elemento importante. Diz respeito à menção do poeta dentro de uma composição. Além de tratar sobre si mesmo em 3ª pessoa, Hesíodo emite um discurso novo na história das letras daquele período, pois não era comum que algum poema trouxesse algo sobre os poetas, muito menos, nomeando-o para deixar evidente que se tratava do autor do mesmo poema.

Nesse ponto da presente discussão, é importante mencionar que o universo tratado na *Teogonia* é, sem dúvida, mitológico. Isso quer dizer que a consideração de suas verdades caminha no campo da subjetividade, ainda mais quando se leva em conta que a ideia de verdade carrega profundas diferenças entre a que era adotada na Grécia do Período Arcaico e a da atualidade brasileira, por exemplo.

Para o Período Arcaico grego, a verdade estava relacionada a um tipo de conduta ligada à obediência às leis de Têmis (deusa grega guardiã dos juramentos), a não ofensa

⁵ “Αἱ νύ ποθ' Ἡσίοδον καλὴν ἐδίδαξαν ἀοιδίην,” (HESÍODO, 2012, p. 102)

aos deuses (direta ou indiretamente) e a não ofensa a todos os mortais. Portanto, não se trata da mesma conotação ética cultivada na sociedade atual.

Assim, o termo ‘verdade’ no presente contexto só é válido como ponto de partida para a discussão sobre o poema, mas não chega a dialogar explicitamente com os valores exatos da época de Hesíodo. Serve, no entanto, para construir um parâmetro inicial a fim de se chegar à discussão central pretendida neste trabalho.

É muito comum que se tornem acirradas as discussões sobre um dos mais importantes aspectos da Literatura: a verossimilhança. Pode-se até chegar a afirmar que são raras as situações em que esse assunto realmente é tratado com lucidez e conhecimento porque no campo das possibilidades literárias (artísticas, como um todo), há sempre uma impregnação das simbologias humanas que circulam em outros meios, os não artísticos.

Contudo, ao tratar de Literatura, por mais que se fale de um mundo fantasioso, e no caso da *Teogonia*, mitológico, é possível criar uma atmosfera que propicie o pacto essencial entre leitor e obra lida. Esse pacto só poderá ser estabelecido por meio do estabelecimento da verossimilhança. Esta, possui relação com a verdade, mas não é a verdade, no sentido corriqueiro da mesma. Pode-se afirmar que a verossimilhança, a grosso modo, está ligada não ao que é, mas ao que poderia ser.

Dentro da história da Literatura ocidental, pode-se constatar que a primeira menção ao recurso de construção chamado de verossimilhança é encontrada no poema *Teogonia*, de Hesíodo. O poeta, nos versos 26, 27 e 28 apresenta a fala das musas revelada ao autor da epopeia que ali tem início: “Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só,/ sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos/ e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”⁶ (HESÍODO, 2012, p. 103).

⁶ “Πομένεες ἀγραυλοὶ, κάκ’ ἐλέγχεα, γαστέρες οἶον,/ ἴδμεν ψεῦδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα,/ ἴδμεν δ’, εὖτ’ ἐθέλωμεν, ἀληθέα γηρύσασθαι.” (HESÍODO, 2012, p. 102)

Não é exagero considerar que estes versos inscrevem um conceito fundador do que, mais tarde, virá a se chamar de verossimilhança, isto é, passa-se a esperar “mentiras” (já que a história será inspirada por quem sabe contá-las a cantá-las), mas não se trata de mentiras quaisquer, porém as que são “símeis aos fatos”.

Quanto aos fatos narrados na poesia, consta na *Arte Poética* que

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso [...]. Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. [...] a poesia permanece no universal e a História estuda apenas o particular. [...] O universal é o que tal categoria de homens diz ou faz em tais circunstâncias, segundo o verossímil ou o necessário. (ARISTÓTELES, s/d, p. 252).

Assim, de acordo com o parecer aristotélico acima apresentado, o universo da poesia pode alcançar todas as coisas, já que se desenvolve dentro do âmbito do universal. Dessa forma, a História tem um limite, pois só cuida do que aconteceu no plano das coisas palpáveis, mas a poesia pode ter como objeto todo o resto existente. Trabalha no constante devir da humanidade.

Na fala das Musas escrita por Hesíodo, revela-se uma espécie de poder mágico dessas divindades. Elas podem dizer muitas coisas “símeis aos fatos” e elas são as donas do “belo canto”. As Musas são aquelas que oferecem a capacidade criativa ao poeta e sua companhia é segurança de que ele poderá bem cumprir seu papel de hinear. Sob a bênção delas, o poeta criará a atmosfera do plausível, isto é, tornará verossímil a sua história, podendo o fruto de seu labor ser apreciado por todos os que se debruçarem sobre seu trabalho.

Aristóteles, em sua *Arte Poética*, introduz o termo “imitação” para se referir ao trabalho de tornar as coisas “símeis aos fatos”. A lógica dessa teoria nem sempre foi

compreendida de acordo com a proposta do filósofo, pois a imitação não reside no âmbito das coisas copiadas e sem originalidade, mas em todo universo capaz de ser forte o suficiente a ponto de receber o crédito e a aceitação de quem dele toma conhecimento. Assim, “[...] não é a imitação que produz o prazer, mas a perfeita execução, ou a cor ou outra causa do mesmo gênero.” (ARISTÓTELES, s/d, p. 244), isto é, o prazer estético mediante uma valorosa obra literária é causado pelo resultado da imitação bem elaborada, é dizer, a realidade qualquer, ali representada e que se torna verossímil.

Na obra intitulada *Mimesis*, o primeiro capítulo ao qual o autor chamou de *A cicatriz de Ulisses*, inicia-se falando sobre o canto XIX da *Odisseia*, narrando sobre o regresso de Ulisses à sua casa e Euricléia, sua antiga ama, desconfia de que já o conhece, comprovando suas suspeitas ao perceber uma cicatriz na coxa do forasteiro (AUERBACH, 2009, p. 1). O texto prossegue falando sobre as idas e vindas no tempo provocadas dentro da narrativa de Homero a fim de atualizar o leitor sobre a cena que se passa. A este respeito, lê-se:

Enquanto ouvimos ou lemos a sua estória, é-nos absolutamente indiferente saber que tudo não passa de lenda, que é tudo “mentira”. A exprobação frequentemente levantada contra Homero de que ele seria um mentiroso nada tira da sua eficiência; ele não tem necessidade de fazer alarde da verdade histórica do seu relato, a sua realidade é bastante forte; emaranha-nos, apanha-nos em sua rede, e isto basta. (AUERBACH, 2009, p. 10)

É nesse sentido que a obra de Hesíodo pode ser chamada de genial e não foi por acaso que a mesma chegou até os dias atuais, sendo estudada especialmente no campo da Filosofia como texto capaz de provocar reflexões sobre a maneira como os gregos concebiam o mundo e o sentido das coisas. Para além de pareceres valorativos a esse respeito, cabe afirmar que o mundo dos deuses narrados por esse poeta é real. “Neste mundo “real”, existente por si mesmo, no qual somos introduzidos por encanto, não há

tampouco outro conteúdo a não ser ele próprio” (AUERBACH, 2009, p. 10). E “isto basta”.

Mas, é preciso considerar também que toda obra possui mais força ainda no contexto em que ela está inserida. Sob esse ponto de vista, é possível inferir que, se a *Teogonia* causa encanto aos leitores e estudiosos dos dias atuais, é bem provável que, em sua época, tenha sido melhor absorvida, afinal, “os caracteres, as atitudes e as relações das personagens atuantes estão [...] estreitamente ligados às circunstâncias da história da época.” (AUERBACH, 2009, p. 408).

Como já foi mencionado anteriormente, o poema é um registro escrito do que já se conhecia oralmente, mas constitui-se exatamente como um trabalho sem par pelo fato de ter se transformado num texto forte o suficiente para ter seu espaço resguardado século após século, ainda se encontrando significativamente aberto a discussões e a análises sob diversos aspectos.

5 DA PLASTICIDADE DAS COMPREENSÕES

Todo conceito pode ser questionado. No entanto, é comum que o motivo das problematizações, enquanto contestação, resida não no conceito em si, mas nas interpretações oferecidas a expressões implicadas na formulação de uma ideia, isto é, na maneira como um determinado parecer teórico é apresentado.

Os conceitos de *mimesis* e de verossimilhança (tantas vezes considerados como sendo a mesma coisa) são destes que têm causado polêmicas dentre os estudiosos de Literatura. Muitos teóricos não aceitam a possibilidade de imitação por parte da arte literária e afirmam que “O texto não é executável como um programa ou um roteiro[. . .]” (COMPAGNON, 2003, p. 109).

Em primeiro lugar, torna-se necessário compreender a verossimilhança enquanto um resultado de uma *mimesis* bem-sucedida e não como sendo as duas a mesma coisa. A primeira refere-se ao efeito enquanto a segunda está ligada ao recurso fundamental para alcançar tal efeito.

Em segundo lugar, tratar da *mimesis* como se esta fosse imitação (no sentido literal da palavra) da realidade, seria empobrecer a força que o trabalho literário possui de criar possibilidades subjetivas, ou seja, espaços (no sentido amplo da palavra) plausíveis, aceitáveis, verossímeis.

No capítulo III da obra *O demônio da teoria*, lê-se:

Um paradoxo mostra a extensão do problema. Em Platão, na *República*, a *mimêsis* é *subversiva*, ela põe em perigo a união social, e os poetas devem ser expulsos da Cidade em razão de sua influência nefasta sobre a educação dos “guardiões”. No outro extremo, para Barthes, a *mimêsis* é *repressiva*, ela consolida o laço social, por estar ligada à ideologia (a doxa) da qual ela é instrumento. [...] Para que ela possa receber qualificativos tão distanciados, não se trata, sem dúvida alguma, da mesma noção: de Platão a Barthes, ela foi completamente invertida, mas entre os dois, de Aristóteles a Auerbach, não se viu alteração alguma. (COMPAGNON, 2003, p. 99)

As palavras agora citadas ratificam as afirmações anteriores. A polêmica sobre a imitação da realidade não ser trabalho da Literatura provoca um questionamento básico: a que realidade este parecer está se referindo? É justamente aí em que se funda a ideia de que a verossimilhança nada mais é do que tornar subjetivamente aceitável qualquer realidade forjada no campo da arte.

Também é importante observar que, lendo a *Arte Poética* de Aristóteles, é possível constatar que a *mimesis* em nenhum momento é conceituada pelo filósofo grego e “[...] não tratava, na verdade [...] da imitação geral, mas que foi depois de um mal entendido [...] que essa palavra se viu sobrecarregada da reflexão plurissecular sobre as relações entre literatura e realidade, segundo o modelo da pintura.” (COMPAGNON, 2003, p. 103), isto

é, a palavra, emprestada de outro universo simbólico, não abarca literalmente uma conceituação literária.

No entanto, é preciso dizer que as palavras têm significações plásticas e Aristóteles, certamente, sabia disso. Neste caso, a imitação realizada pela Literatura situa-se na ponte entre a potência da criação ficcional e os infinitos caminhos que a possibilidade humana tem ao seu alcance quando se trata de elaborar obras de arte.

Por essa razão, é lícito considerar que Hesíodo, em sua *Teogonia*, praticou a imitação. Sua *mimesis* tornou possível a viagem da figuração, isto é, ao ler a referida obra não há a necessidade de se situar geograficamente no Olimpo, nem de fazer contestações sobre nenhuma veracidade porque o mundo por ele retratado é vivo e existe na medida em que os leitores são capazes de pactuar com os fatos narrados. Aliás, seria rara a situação em que algum leitor desmereceria a qualidade ‘musical’ da *Teogonia*, afinal é uma obra que narra acontecimentos que poderiam se desenrolar. É, portanto, uma obra verossímil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade não pode conhecer a totalidade das obras literárias escritas durante o chamado Período Arcaico grego. Muitos incidentes impediram a conservação de um grande número de trabalhos. Entre esses acontecimentos estão as escavações em busca de tesouros, as muitas guerras, catástrofes naturais como maremotos e atividades vulcânicas.

Sabendo desses fatos, o conhecimento da obra *Teogonia* passa a ser ainda mais valioso, embora a sua força não se encontre exatamente na resistência às intempéries, a nível físico, de cada época. A epopeia em questão possui seu quinhão de inegável valor por instaurar no Ocidente determinados feitos literários, entre eles, a metalinguagem.

Os dois últimos versos do poema de Hesíodo invocam outra vez as Musas dizendo: “Cantai agora a grei de mulheres, vós de doce voz/ Musas olímpíades virgens de Zeus porta-égide.”⁷ (HESÍODO, 2012, p. 157). Tais versos sugerem que seu cantar não encerra os caminhos da arte literária. A invocação à “grei das mulheres de doce voz”, não somente para legitimar o hino que acabara de ser concluído, serve também para mostrar que elas, as Musas, continuarão seu “belo canto” e inspirarão os poetas, que tão ousados quanto o autor da *Teogonia*, farão novos e valorosos hinos, sobre os deuses ou sobre os homens, ou sobre quaisquer outras coisas “símeis aos fatos”.

Não é à toa que muitos historiadores repetem o chavão de que a Grécia é o berço da civilização ocidental. Evidentemente esta afirmação se apoia em alguns aspectos e não abarca a totalidade de fatos, características e elementos que forjaram este lado do Greenwich. Mas, também é evidente que muitas das noções subjetivas, especialmente as ligadas às artes, sobreviveram através das inúmeras colonizações e transferências culturais.

É preciso lembrar de que a *Teogonia* pertence muito mais ao universo religioso do que ao universo filosófico para os gregos do tempo de sua escrita e que foi escrito em tom de profecia. O fato de assim ser, evidencia o aspecto do papel das religiões de todos os tempos dentro da humanidade: o de religar a interioridade do ser a uma parte de sua verdadeira essência.

Se o texto de Hesíodo for considerado no aspecto agora mencionado, mesmo sem o concurso da ideia religiosa monoteísta, é possível ainda levar em conta que o termo “religião” também é plástico e pode se referir ao que causa devoção. Neste sentido, a religiosidade provocada pela *Teogonia* não está fechada no fato de se referir à criação dos deuses mitológicos, mas também por se constituir como um hino que louva as Musas.

Metaforicamente, é possível encontrar sentido neste aspecto da obra como sendo um hino à

⁷ “Νῦν δὲ Ὑγυιαῖων φύλον αἰείσατε, ἠδυπέπαι/ Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο.” (HESÍODO, 2012, p. 156)

arte literária, senão a todas as artes, afinal, as Musas são entidades fictícias relacionadas às artes e não estão circunscritas, inclusive, ao campo da Literatura, mas também à Música, à Dança, entre outras manifestações da simbolização humana.

Assim, apesar de o presente artigo não esgotar todas as possibilidades de inferências sobre a ideia de verossimilhança presente na obra ora intitulada *Teogonia*, é certo que propõe uma discussão válida na medida em que coloca em ênfase o valor da epopeia cujo autor ousou instituir a metalinguagem literária no Ocidente.

Portanto, torna-se pertinente rever conceitos, problematizá-los e fazer sugestões que sejam capazes de enriquecer o âmbito dos estudos literários. Sendo arte, a Literatura sempre oferecerá campo para novos pareceres, mas é fato que o mais encantador dessa arte é sua capacidade de tornar verossímil infinitas possibilidades, desde que o processo de *mimese* seja priorizado.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. [Vários tradutores]. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Estudos, v. 2).

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. (Tradução de Antônio Pinto de Carvalho). 16. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. (Coleção Clássicos de bolso).

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. [Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. (Tradução de Jaa Torrano). 2. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.

LAFER, Mary de Camargo Neves. **Introdução**. In: HESÍODO. Os trabalhos e os dias. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/04/Os-trabalhos-e-os-dias-Hes%C3%ADodo.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

VALESKA, Olga. **Mimese**: poesia e tradição cultural. Disponível em: <<http://www.scriptaclassicaonlinebr.gr.eu.org/olga.pdf>>. Acesso em 24 ago. 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. [Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VIEIRA, Trajano. **Édipo**: entre a razão e o *daímon*. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/46/07-trajano.pdf>>. Acesso em 24 ago. 2013.